

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT06.022

O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO: UMA RELEITURA AFROCENTRADA DO CLÁSSICO DE SAINT-EXUPÉRY

MARIA ALINE DE BRITO GUERRA AGUIAR

Mestranda do PROFLETRAS da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, alinebguerra@hotmail.com;

JUAREZ NOGUEIRA LINS

Professor doutor do Departamento de Letras da UEPB/CH e professor do Profletras/UEPB/CH, jn.lins@servidor.uepb.edu.br;

ODJANE DA SILVA LIMA MELO

Mestranda do PROFLETRAS da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB- odjaneslmeo@gmail.com.

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise afrocentrada da obra *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França, que é uma releitura do clássico *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. A literatura afrocentrada valoriza a cultura e a história dos povos africanos e afro-brasileiros, e busca descolonizar a mente dos efeitos do racismo e da opressão. Outrossim, é uma ferramenta pedagógica para a educação antirracista, pois promove a representatividade negra, o respeito à diversidade cultural e a construção de identidades positivas. Desta forma, ao apresentar um protagonista negro que viaja por planetas habitados por personagens que representam a diversidade da cultura africana e afro-brasileira, será observado de que forma essa obra contribui para a formação da identidade, da autoestima e da imaginação das crianças e jovens negros. Metodologicamente, partiremos de uma investigação de natureza exploratória e bibliográfica através da abordagem qualitativa, considerando a literatura infantojuvenil afro-brasileira como uma estratégia fundamental para a consolidação do pensamento afrocêntrico, que valoriza a cultura e a identidade negra, reconhecendo a sua relevância e contribuição para uma sociedade menos desigual. Nesta perspectiva, partiremos dos pressupostos teóricos de Asante (2009), Munanga (2012), Cuti (2021) e Hall (2016).

Palavras-chave: Pequeno Príncipe Preto, literatura afrocentrada, identidade negra, cultura.

INTRODUÇÃO

A literatura afro-brasileira, produzida por autores negros ou afrodescendentes que se identificam com essa origem e expressam sua visão de mundo, vem ganhando mais reconhecimento e valorização nas artes em geral. Essa literatura rompe com o silenciamento imposto pela sociedade racista e revela a diversidade, a riqueza e a resistência da cultura negra. Além de resgatar, expressar, traduzir e mostrar as vozes, as experiências, as histórias e as identidades dos negros que são excluídos e ignorados pela sociedade dominante, essa literatura busca criar formas alternativas de lutar e desfazer os preconceitos e os estereótipos raciais que estão presentes nos discursos históricos e ficcionais.

Nesse contexto, a literatura produzida por autores negros ganhou mais espaço no cenário nacional após a sanção da lei 10.639, em 2003. Essa lei alterou a LDB (Lei de Diretrizes e Bases, 1996) e tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental e Médio. Esse foi um importante avanço para a valorização e o reconhecimento da contribuição do povo negro na formação histórica e cultural do Brasil. Além de incentivar a produção literária de autores negros, a lei também tem colaborado para a democratização e a pluralidade do conhecimento histórico e literário nas escolas.

Partindo dessa perspectiva, nossa proposta versa em realizar uma análise da obra *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França, a fim de verificar se obra se constitui em uma perspectiva afrocentrada, contribuindo com a lei 10.639/03 valorizando a identidade étnico-racial brasileira, ou apenas reforça os estereótipos, muitas vezes caricatos, vislumbrados em algumas produções literárias voltadas ao público infantojuvenil. Além disso, nosso trabalho objetiva contribuir com pesquisas que se relacionam com a propagação da literatura infantojuvenil de temática afrocentrada no espaço escolar. A escolha dessa obra se justifica pela importância de apresentar crianças negras em situação de protagonismo e respeito e pelas inúmeras referências positivas, presentes na obra de Rodrigo França, que remetem ao universo africano, oferecendo aos leitores uma nova forma de ver e entender o mundo, baseada na diversidade, na solidariedade e na coletividade. Para isso, iniciamos nossas discussões apresentando uma breve exposição do apagamento cultural do universo africano no cenário mundial, em seguida, apresentamos uma breve discussão a partir dos estudos de Asante (2009) e Rabaka (2009) acerca da teoria da afrocentricidade, ressaltando a importância de tais estudos. Por

consequente, apresentamos um breve histórico do papel exercido pelos personagens negros que figuravam as páginas literárias. Por fim, é apresentada uma análise da obra *O pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França, na qual partimos da análise de alguns elementos verbais e visuais presentes na obra em questão, confirmando que se trata de uma obra afrocentrada visto que compreende todos os elementos elencados por Asante em seu estudo.

Além dos teóricos citados, nosso estudo apresenta reflexões de Munanga (2012), Cuti (2021), Hall (2016), Schwarcz (1993), entre outros.

AFROCENTRICIDADE: BREVES REFLEXÕES SOBRE UM CONCEITO ESSENCIAL

Ao longo dos séculos, a rica e multifacetada cultura africana foi submetida a um destino cruel, marcado pela imposição do silenciamento, da invisibilidade e da opressão. Esta cultura, intrinsecamente rica em diversidade e história, encontrou-se à margem, como se fosse desprovida de valor cultural e histórico, uma narrativa injustamente imposta que obscureceu a grandeza e contribuições significativas desses povos. Este padrão de marginalização perpetuou-se, vinculando estereótipos prejudiciais e negando o reconhecimento merecido à vasta herança cultural africana.

Dessa forma, a superação desse histórico de negação requer o reconhecimento e respeito pela riqueza da diversidade cultural presente nas sociedades contemporâneas. Essa abordagem deve ser pautada na recusa de impor uma única cultura dominante ou hegemônica, destacando, em vez disso, a importância de considerar o multiculturalismo como uma realidade incontestável. Esse reconhecimento não apenas enriquece as interações sociais, mas também promove um ambiente inclusivo, onde cada expressão cultural é valorizada e respeitada em sua singularidade.

Neste sentido, Munanga ressalta a importância de romper com visões depreciativas e oferecer abordagens que permitam a construção de uma identidade negra mais autêntica, onde o negro não seja apenas objeto, mas sujeito ativo na formação da cultura e da identidade brasileira, apesar das persistentes desigualdades raciais:

Daí a necessidade e importância de ensinar a história da África e a história do negro no Brasil a partir de novas abordagens e posturas epistemológicas, rompendo com a visão depreciativa do negro, para que se

possam oferecer subsídios para a construção de uma verdadeira identidade negra, na qual seja visto não apenas como objeto de história, mas sim como sujeito participativo de todo o processo de construção da cultura e do povo brasileiro, apesar das desigualdades raciais resultantes do processo discriminatório. (MUNANGA, 2012, p. 10- 11).

A abordagem proposta por Kabengele Munanga, ao defender a necessidade e importância de uma revisão nas formas de ensinar a história da África e do negro no Brasil, alinha-se à perspectiva da afrocentricidade, a qual surge como “resposta” ao eurocentrismo, que nega e distorce a contribuição dos povos africanos e da diáspora para o desenvolvimento da humanidade. Essa teoria se apresenta como um conceito essencial, que desafia as estruturas dominantes e propõe uma abordagem inovadora e emancipatória para compreender e valorizar a riqueza cultural dos africanos e afrodescendentes. Essa teoria é definida por Molefi Kete Asante, um dos principais teóricos da afrocentricidade, como “um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (Asante, 2009, p. 93). Essa perspectiva crítica não apenas questiona as estruturas de poder existentes, mas também contribui significativamente para a compreensão e promoção de uma verdadeira avaliação da pluralidade cultural.

Esse conceito tornou-se uma presença constante em suas obras, estabelecendo-se como um referencial crucial para o desenvolvimento de pesquisas em diversas áreas acadêmicas. Isso ocorreu principalmente pela estruturação de uma compreensão robusta da afrocentricidade, fundamentada em cinco categorias analíticas essenciais. Essas categorias incluem o interesse pela localização psicológica, o comprometimento com a descoberta do papel do africano como sujeito, a defesa dos elementos culturais africanos, o aprimoramento lexical e a dedicação a uma nova narrativa da história da África.

Todavia, o estudioso Rabaka (2009), aponta considerações importantes ao contrastar afrocentricidade com o determinismo biológico e o essencialismo racial, destacando que a afrocentricidade é uma perspectiva teórica que se distancia de interpretações ideologicamente fechadas. Desta forma, para ele a afrocentricidade é uma perspectiva que enxerga o mundo a partir da experiência e cultura dos africanos e seus descendentes, desvinculando-se de critérios biológicos ou de cor de pele para se fundamentar na consciência e ação. Trata-se, portanto, de compreender e

valorizar a história, filosofia e arte africanas, utilizando quatro critérios principais: visão de mundo, conhecimento, valores e beleza.

Outrossim, o estudioso alerta-nos:

[...] os afrocentristas não se opõem ao pensamento e à cultura europeus, mas questionam a imposição deles como superiores e obrigatoriamente universais. Em segundo lugar, é monstruosamente incorreto afirmar que a afrocentricidade é um 'racismo às avessas' ou um eurocentrismo pintado de preto. Ao contrário, é uma orientação metodológica e uma pedra de toque teórica caracterizadas pela abertura epistêmica e por uma postura inerentemente humanista, que toma como um de seus pontos de partida o moderno movimento multicultural. (RABAKA, 2009, p. 137)

Ou seja, segundo o autor, os afrocentristas não buscam negar ou desvalorizar o pensamento europeu, mas sim questionar a imposição desse pensamento como o único válido e superior. A afrocentricidade é, portanto, apresentada como uma postura aberta, humanista e alinhada ao respeito pela diversidade cultural inerente ao movimento multicultural contemporâneo.

O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO NO CENÁRIO LITERÁRIO

No século XIX, a literatura brasileira, influenciada pelo Romantismo europeu, tentava definir a nacionalidade brasileira, mas deixava de lado os negros, que eram retratados de forma desumanizada e coisificada, como “[...] os descendentes de escravizados pelo viés do preconceito e da comiseração” (CUTI, 2021, p. 160). Nessa época, havia teorias que defendiam que o Brasil deveria se branquear, através do cruzamento e da seleção natural, como se o branco fosse o ideal de beleza e civilização. (SCHWARCZ, 1993). Essa ideologia branca, que tinha mais poder e privilégios, desprezou e afastou os negros da sociedade. Esse afastamento se manifestava de forma sutil, ao ignorar ou negar as contribuições dos negros, ou de forma brutal, ao usar a violência física ou verbal contra eles. Essa situação se consolidou e se aceitou na cultura brasileira, determinando o modo como as pessoas se relacionavam com os negros. Muitos que não se reconheciam ou não eram negros, adquiriram preconceito e discriminação contra os negros, mesmo que tivessem alguma origem ou traço negro.

Segundo Munanga (2009, p. 24), o “negro torna-se então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica”. Essa discriminação

constituía uma negação da identidade negra e uma aderência à identidade branca, julgada como superior e desejável.” Desta forma, a discriminação social faz com que muitos negros assumissem para si a imagem dos brancos e se tornassem eles mesmos agentes de preconceitos, conforme assevera Cuti:

No período pós-abolição, fica evidenciada a discriminação antinegra pela ausência de projeto oficial de integração da massa ex-escravizada que sai do campo e emigra para área urbana, ou lá continua enfrentando situações semelhantes ao regime que se extinguiu formalmente. [...] O silêncio em face da supremacia branca e suas práticas sutis e violentas de rejeição social antinegra, vai aos poucos, sedimentando na cultura o viés comportamental do brasileiro não negro ou daquele que se julga como tal e, inclusive dos próprios negros. Discriminar, portanto, é uma forma de os mestiços de diversas origens, negar-se como negros, mesmo que seus vínculos estejam presentes em sua ascendência, no teor da melanina da pelo ou nas suas características faciais. (CUTI, 2021, p.16- 17)

Outrossim, para Cuti, a perspectiva negro-brasileira na literatura, acabava restrita à recepção. Como um fato da realidade, a recepção que se estabelecia impunha, antecipadamente, seu critério de aceitabilidade. Personagens negras deveriam evidenciar apenas os males da escravidão como condição legal. A humanidade dos escravizados só por esse ângulo teria relevância. Desafiar a predominante concepção de hierarquia das raças seria uma audácia não permitida, assim:

Escritores negros sempre tiveram de contar, como qualquer outro artista, com a recepção branca. Ora, se o escritor conhece a concepção de raça que predomina na sociedade (no Brasil, a ideia de que não há discriminação racial, ou quando muito apenas um ‘racismo cordial’), procurará não ferir a expectativa literária para não comprometer o sucesso de seu trabalho. Assim são aspectos lúdicos das formas culturais que procurará empregar para dar um colorido negro-brasileiro a seu trabalho, ou então um prosseguimento a exploração das mazelas para provocar a comisseração do leitor. As questões atinentes à discriminação racial tenderão a ficar subjacentes ao texto, pois podem ser o ‘tendão de Aquiles’ da aceitabilidade da obra e prejudicar o sucesso almejado. (CUTI, 2021, p. 28)

A influência da concepção social na literatura moldou a representação de personagens e temas associados a diferentes grupos étnicos. Autoras e autores reproduziam esses estereótipos em suas obras, favorecendo uma representação

positiva de personagens brancos, enquanto as personagens negras eram frequentemente retratadas de maneira negativa e/ou simplificada. Essa dinâmica na literatura contribuiu para a marginalização e invisibilidade das experiências não brancas, refletindo e consolidando essas dinâmicas específicas.

Essa realidade, não foi diferente no contexto da literatura infantojuvenil, a qual também contou por muitos anos, com a ausência de personagens e narrativas que espelhassem a pluralidade de histórias e culturas, contribuindo para a perpetuação de estereótipos e a marginalização de vozes negras, enfraquecendo a representatividade na literatura voltada para o público jovem.

METODOLOGIA

Metodologicamente optamos por revisão bibliográfica onde nos debruçamos sobre estudos basilares de autores como Asante (2009), Hall (2016), Munanga (2012), Cuti (2021), Schwarcz (1993), dentre outros. Enfatizamos também o caráter crítico-analítico já que durante analisamos o texto literário *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França apresentando algumas possibilidades de leitura para essa obra e observando a representação gráfica das ilustrações que compõem a obra, observando se o texto verbal e o não verbal dialogam ou refletem perspectivas distintas, em uma obra que “promete” contribuir com as questões étnico-raciais, voltada a um público infantojuvenil. Nesse sentido, buscamos dialogar com a importância da literatura na formação humana e importante ferramenta para a desconstrução de “ideias equivocadas”, sedimentadas, enraizadas e arraigadas na estrutura da sociedade, desempenhando assim, um papel crucial na expansão da consciência e na quebra de paradigmas preexistentes.

RESULTADO E DISCUSSÕES

O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO: UMA NARRATIVA GENUINAMENTE AFROCENTRADA

Nos últimos anos, entretanto, tem havido um movimento crescente em direção à diversificação e inclusão na literatura infantojuvenil, impulsionado por uma conscientização mais ampla sobre a importância da representatividade. Autores

negros têm emergido como agentes de mudança, buscando preencher lacunas e proporcionar uma gama mais rica de experiências para jovens leitores.

A promulgação da Lei 10639/03, como uma política pública de ação afirmativa no Brasil, foi um marco significativo para essa mudança no cenário literário. Ao reconhecer a diversidade étnico-racial e valorizar a história e a cultura dos povos negros, essa legislação estimulou a produção literária a se adequar a um projeto de reparação histórica sobre o povo negro, trazendo enredos com protagonistas negros, temas, espaços e ambientações, valorizando a identidade negra, a diversidade cultural e, conseqüentemente, colaborando com a construção de uma educação antirracista desde a infância, promovendo uma compreensão mais profunda e respeitosa das diferenças.

No contexto desse movimento, a obra *O Pequeno Príncipe Preto*, de autoria do multifacetado escritor, ator, diretor e cientista social, Rodrigo França, teve sua gênese a partir de uma peça teatral homônima, emergindo no cenário nacional como uma peça literária que ultrapassa as fronteiras da narrativa convencional, abrindo espaço para perspectivas afrocentradas. Lançado em 2020 pela Editora Nova Fronteira, com ilustrações de Juliana Barbosa Pereira, destaca-se como uma importante contribuição cultural, pois explora temáticas vinculadas à vivência da comunidade negra abordando de maneira perspicaz as problemáticas vinculadas ao universo dos negros brasileiros, constituindo-se como uma obra didática que explora de maneira objetiva e acessível, para o público infantojuvenil, aspectos cruciais da identidade negra e da herança africana.

A obra "O Pequeno Príncipe Preto", escrita por Rodrigo França, apresenta a narrativa de um jovem Príncipe de etnia negra, que, residindo em um pequeno planeta, compartilha sua existência exclusivamente com uma árvore singular, identificada na trama como a imponente Baobá, tida como sua única confidente. O protagonista, expressando seu desejo de transcender os limites de seu pequeno planeta, almeja explorar a vastidão do universo, explorando outros planetas, propagando a semente da árvore Baobá e difundindo os princípios fundamentais do UBUNTU. Este último, intrinsecamente ligado aos conceitos de amor e empatia, constitui o cerne da aspiração do Príncipe Preto, que almeja disseminar esses valores por todos o universo.

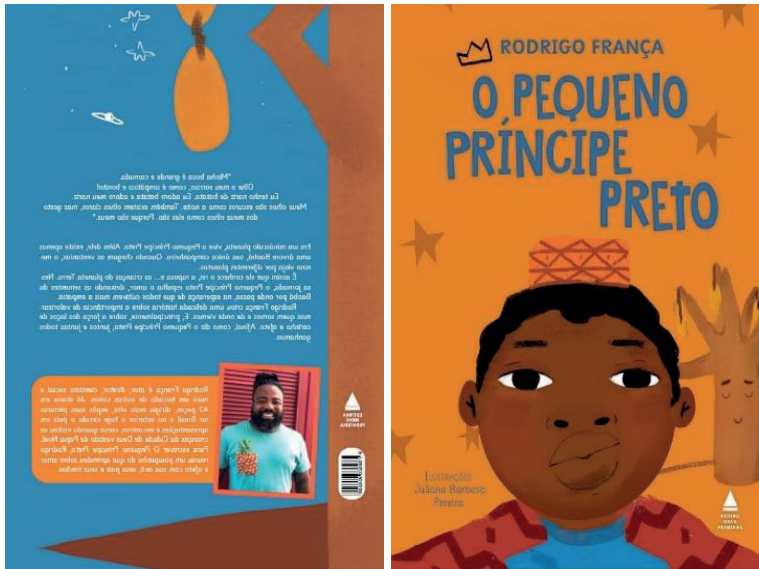
Embora a obra em questão incorpore diversos elementos que remetem ao clássico do autor francês Antoine de Saint-Exupéry, a narrativa de Rodrigo França destaca-se por seu caráter afrocentrado. Nesse contexto, a obra de França não

apenas evidencia, mas também atribui valor e enaltece tanto a riqueza cultural africana quanto a identidade singular da criança negra. Essa abordagem não só confere originalidade à obra, mas também representa uma significativa contribuição para a diversidade e compreensão mais profunda das identidades étnicas na literatura contemporânea.

Iniciando nossas análises, direcionamos nosso olhar para o título e as imagens presentes na capa e quarta capa (Fig. 1) da obra. Ao examinar a capa, torna-se evidente que o título mantém uma conexão direta com o protagonista da narrativa. Em destaque, um menino negro ocupa o primeiro plano, trajando um manto vermelho sobre sua vestimenta, possivelmente evocando a ideia de realeza. Na composição, a referência à origem étnica da criança, expressa pelo adjetivo “preto”, aprofunda a compreensão visual da cena. Além disso, a criança, ao olhar diretamente para o leitor, estabelece uma ideia de conexão e interação imediata. Destaca-se também um adereço na cabeça da criança, ornamentado com desenhos geométricos. Este elemento, possivelmente simbolizando uma coroa, estabelece uma conexão simbólica com a figura dos *griots*, tradicionais contadores de histórias africanos. Essa escolha não apenas contribui para um aspecto estético marcante, mas sugere uma profundidade de significado relacionada ao papel dos *griots* na transmissão cultural. Dessa forma, os desenhos geométricos e o adereço remetem não apenas adicionam camadas simbólicas à aparência do personagem, mas também podem carregar significados específicos relacionados à história, linhagem e tradições, similar à prática dos griots ao representar a cultura e identidade do povo por meio de suas narrativas.

Ainda no tocante aos elementos ilustrativos que compõem a capa, em segundo plano, destaca-se um cenário que incorpora um céu alaranjado, uma representação visual que possivelmente está associada à terra, à natureza e a elementos orgânicos. Essa escolha de cor sugere uma simbologia que se conecta de forma significativa com a terra, enfatizando a importância dessa ligação com a identidade do personagem principal. Adicionalmente, na mesma composição visual, surge a imagem de um Baobá, árvore nativa do continente africano, ilustrada com traços humanos expressando tranquilidade. Tal construção imagética, sugere uma conexão harmônica do Pequeno Príncipe com sua ancestralidade, com a qual estabelece a ideia de valorização e preservação de suas origens. Na quarta capa do livro, o Baobá reaparece, reafirmando a sua importância na obra, todavia em um outro ângulo, estabelecendo a ideia de contemplação do espaço.

Figura 1: Capa e Quarta Capa do *Pequeno Príncipe Preto*



Fonte: Rodrigo França (2022)

A narrativa se inicia na sexta página (Fig. 2). É importante observar que, contando todo o miolo, inclusive folha de rosto, chega-se à totalidade de 32 páginas, conforme indicado pela editora. Na sexta página, observamos uma pequena nota introdutória situando o leitor a respeito dos personagens e do espaço da narrativa, e, por conseguinte, a história passa a ser narrada em primeira pessoa, a partir do ponto de vista do próprio Príncipe Preto, cujo discurso é demarcado graficamente pelo uso do travessão, no qual é evocado um diálogo direto com o leitor, estabelecendo-se uma ideia de interação intimista e subjetiva, propiciando que o leitor acesse os pensamentos, sentimentos e experiências de forma compartilhada, diretamente do narrador.

Figura 2: Primeiras páginas da narrativa



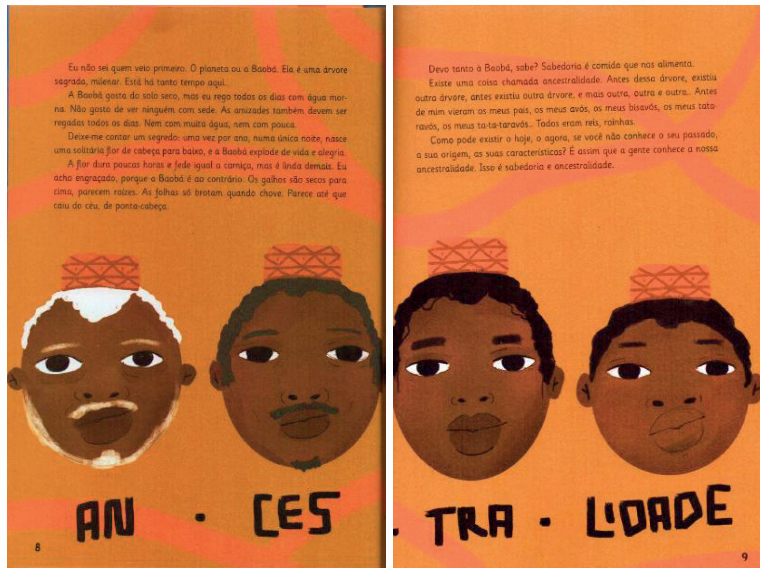
Fonte: Rodrigo França (2022)

É importante notar, já nas páginas iniciais da narrativa, a imagem da baobá ilustrando duas páginas, em ângulos complementares, estabelecendo uma ideia de continuidade e também grandiosidade da árvore, conforme ilustra a fala do menino: *"Estou atrás do tronco de uma árvore, da Baobá. É uma árvore linda, imensa, gigante. Estou de braços abertos tentando envolvê-la, mas não consigo. Precisaria de duas, três, quatro... De muita gente. Abraçar a Baobá é uma troca de força, de energia. Sabe quando a bateria está fraca? Então, eu venho aqui e recarrego. Ah, já lá esquecendo: eu sou o Príncipe deste planeta. A Baobá disse que sou o Pequeno Príncipe. Ela é a Grande Princesa."* A ilustração apresenta simbolizações em diálogo com a história contada pelo narrador, ao mesmo tempo que evidencia a importância da árvore que é apresentada pelo narrador como a "Grande Princesa" com quem simbolicamente se conecta e recarrega suas forças cotidianamente.

As páginas iniciais da narrativa evidenciam uma notável valorização e ênfase na imponente Baobá, através da qual o narrador conceitua simbolicamente a ancestralidade, expressando troca, carinho, respeito e cuidado. A mensagem transmitida é de que a árvore representa a conexão com as gerações passadas, sendo uma expressão viva dessa ancestralidade. O narrador destaca a continuidade da linhagem, enfatizando que antes dele, existiram pais, avós, bisavós, tataravós e ta-ta-taravós, todos reconhecidos como reis e rainhas. Esse discurso ressalta a importância da herança cultural e familiar, reforçando a ideia de nobreza e dignidade associada à linhagem ancestral. O uso do Baobá como símbolo visual e conceitual

enriquece a narrativa ao estabelecer uma ligação entre o personagem principal e suas raízes, promovendo uma reflexão sobre a importância da história e identidade.

Figura 3: Ancestralidade



Fonte: Rodrigo França (2022)

Conforme podemos observar na (Fig. 3), há uma associação e um entrelaçamento harmonioso entre a tipografia e as imagens, que se inter-relacionam no texto, ocupando metade da página com letras em bastão. Essa disposição cria um letreiro que reforça as informações expressas pelos rostos humanos estampados nas duas páginas. A organização das palavras, possivelmente, expressa a ideia de união e ligação com os antepassados, a transmissão de conhecimento e valores, e, por fim, a continuidade dessa herança ao longo do tempo. Esses elementos refletem um profundo respeito pelas “raízes”, confirmando a importância da tradição e promovendo uma compreensão mais profunda da ligação entre as gerações.

Esse diálogo entre as linguagens, resultado de informações que estão na ilustração ou no texto verbal, será recorrente em outras páginas subsequentes, conforme vislumbramos nas Fig. 4 e 5, nas quais ilustração e texto se unem para enfatizar a mensagem da narrativa. Conforme vislumbramos na Fig. 4, ao observarmos o rosto do Pequeno Príncipe Preto, em plano de close, esboçando um sorriso, direcionando seu olhar para a projeção do seu cabelo. Em segundo plano, na mesma

imagem, observamos escrito em caixa alta, “Eu amo meu cabelo”, dando uma ideia de grito, de empoderamento de autoafirmação e de orgulho da estética negra que é evidenciada de forma positiva e bela.

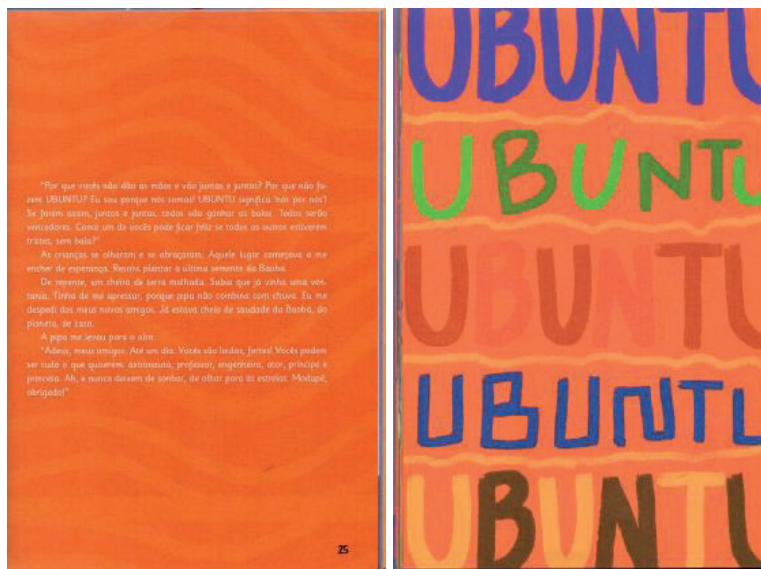
Figura 4: Afirmação da identidade do menino



Fonte: Rodrigo França (2022)

Na Fig. 5, é associado ao texto, uma página que se assemelha a um cartaz, que nos chama a atenção por apresentar a palavra “Ubuntu” repetidas vezes. Essa repetição não cria apenas um impacto visual imediato, mas também destaca a centralidade e relevância desse princípio filosófico, servindo como uma espécie de lembrete visual poderoso de seus valores.

Figura 5: Filosofia ubuntu



Fonte: Rodrigo França (2022)

Além dos elementos simbólicos destacados, o enredo da obra em questão, revela uma constante exaltação de valores como respeito, compreensão e afeto, todos intrinsecamente ligados à rica cultura africana. Essa temática não se limita apenas aos símbolos, estendendo-se à própria materialidade da obra. Nesse contexto, percebemos uma sintonia entre a forma como o livro se apresenta fisicamente e os propósitos subtendidos à mensagem literária, ambos direcionados à preservação da ludicidade e ao estímulo ao desenvolvimento crítico por meio da leitura.

Ao analisarmos a obra sob a perspectiva afrocentrista, observamos que ela atende integralmente aos critérios estabelecidos por Asante (2009), uma vez que, primeiramente, nota-se um claro interesse pela localização psicológica dos personagens, evidenciando a atenção pela perspectiva psicológica e emocional retratados. Além disso, a narrativa se compromete com a descoberta do lugar do africano como sujeito ativo e central na história, rejeitando representações passivas ou marginalizadas. A defesa dos elementos culturais africanos é uma marca indelével da obra, que celebra e destaca a riqueza e a diversidade desses elementos, rompendo com estereótipos negativos. Por fim, o compromisso com o refinamento léxico é evidente, uma vez que a linguagem utilizada respeita a especificidade e a riqueza da expressão dos povos de origem africana, contribuindo para uma representação

autêntica. Dessa forma, o livro não só incorpora e fortalece valores afrocentristas ao oferecer uma narrativa que abraça e dignifica a riqueza da cultura africana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um mundo que historicamente negligenciou e marginalizou as diversas expressões culturais, a necessidade de reconhecer e abraçar o multiculturalismo como uma realidade incontestável torna-se cada vez mais premente. O desafio de romper com as amarras do eurocentrismo, que por tanto tempo obscureceu a verdadeira valoração da diversidade cultural em escala global, exige uma abordagem crítica e proativa.

Nesse sentido, a afrocentricidade emerge como uma teoria fundamental, oferecendo não apenas uma crítica contundente às raízes profundas do colonialismo, mas também apresentando alternativas concretas ao eurocentrismo estabelecido. Ao questionar as estruturas de poder arraigadas, a afrocentricidade desempenha um papel crucial na promoção de uma verdadeira apreciação da pluralidade cultural em nosso mundo.

Ao abraçarmos a afrocentricidade como uma lente crítica, capacitamo-nos a desafiar ativamente as normas eurocentristas que historicamente suprimiram e marginalizaram culturas diversas. Este movimento não se trata apenas de uma reavaliação profunda de nossos valores culturais, mas representa um passo crucial em direção a uma sociedade mais justa e inclusiva, onde a diversidade é genuinamente celebrada e respeitada.

Ao focarmos na representação positiva da identidade étnica do personagem negro e ao permitirmos que ele assuma suas pertencas culturais, a obra demonstra um comprometimento tangível com a valorização e celebração das raízes africanas. Esse alinhamento com os princípios da afrocentricidade não apenas rejeita estereótipos negativos, mas também promove uma autoimagem positiva e busca reconectar as pessoas negras com suas heranças culturais.

Em última análise, ao adotarmos a afrocentricidade como uma ferramenta para dismantelar preconceitos arraigados, estamos pavimentando o caminho para uma transformação mais profunda e duradoura. Este compromisso não apenas enriquece nossa compreensão do mundo, mas também nos impulsiona em direção a uma sociedade onde a diversidade é verdadeiramente celebrada como um

tesouro coletivo, proporcionando alicerces sólidos para uma coexistência mais justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. L. (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei n. 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso 10 Jul 2022.

_____. Ministério da Educação. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília, MEC/SECAD, 2006.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. Ilustração Julia Barbosa Pereira. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. 11.ed. Trad: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?* Revista da ABPN, v. 4, n. 8, p. 06-14, jul./out. 2012.

RABAKA, R. Teoria crítica africana. In: NASCIMENTO, E. L. (org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 129-146.

SCHWARCZ, Lília Martiz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão social no Brasil 1870 – 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.